

Camões 11
374
PORTO 10 DE JUNHO DE 1880 11

A MOCIDADE A CAMÕES

NUMERO DA REVISTA ACADEMICA
A MOCIDADE
PARA COMMEMORAR O TRICENTENARIO DE CAMÕES

DIRECTOR — AUGUSTO BROCHADO

SUMMARIO

A Camões. Augusto Brochado. — *Luiz de Camões* (poesia), Charles Sellers. — *Luiz de Camões*, Theophilo Braga. — *A Camões* (poesia), Alberto Carlos. — *Luiz de Camões*, José Caldas. — *Ante a estatueta de Camões* (poesia), Mathews Peres. — *Salve Camões!* (poesia), Angelina Vidal. — *Camões e Cervantes*, Xavier Pinheiro. — *Per amica silentia lunæ* (poesia), A. Feijó. — *Camões, Tasso e Cervantes*, Nunes d'Azevedo. — *Camões* (poesia), E. Costa Macedo. — *A Dôr de Camões* (poema), J. Leite de Vasconcellos. — *Genepe de Camões* (poesia), Abel Acacio. — *Saudação aos jornalistas e escriptores da cavalheirosa Hespanha*, Ferreira de Brito. — *Na ultima pagina de um livro* (poesia), Maximo Lemos J.

ILLUSTRAÇÕES

Retrato de Camões (gravura em madeira).

Edição em papel italiano, 200 reis e em papel Ruães 100 reis.

Reclamações a Augusto Brochado, rua Formosa 112. ou rua de Santa Catharina, 78 — Porto.



PORTO

IMPRESA INTERNACIONAL

489 — Bomjardim — 489

1880

SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA COMMERCIAL DO PORTO

Em commemoração do tricentenário de Luiz de Camões e correspondendo a uma necessidade urgente das provincias do norte do Reino—a Imprensa Jornalística Portuense estabelece a Sociedade de Geographia Commercial do Porto, sendo séde provisoria dos trabalhos fundamentaes o escriptorio da Redacção do *Jornal de Viagens*, Largo de S. Domingos, 58—Porto.

9958



PORTO, 10 DE JUNHO DE 1880

A MOCIDADE A CAMÕES

NUMERO DA REVISTA ACADEMICA «A MOCIDADE»
PARA COMMEMORAR O TRICENTENARIO DE CAMÕES

DIRECTOR — AUGUSTO BROCHADO



Como astro brilhante o mundo o contempla.

SOARES DE PASSOS.

Impressão e distribuição em Lisboa, na Typographia da "Revista Académica", Rua da Boavista, nº 10.

Cantaste de tu Patria los hechos inauditos,
Sus glorias, sufrimientos é indómito valor,
Y en tan sublimes cantos perenne monumento,
Mas durable que el bronce, erigiste en tu honor.

Cumpla, sin embargo, á la hidalguia Lusa
Consagrarte una ofrenda de aprecio nacional,
Y levantó una estatua en tu honra y tu memoria,
Que al proprio tiempo es honra de todo *Portugal*.

ANTONIO HESSE.

A CAMÕES



PASSARAM annos, decorreram já seculos, depois que vós, ó vate eximio, succumbistes debaixo d'uma existencia attribulada, d'uma vida de martyr!

A inveja, esse terrivel vicio, que quasi sempre tem feito sentir os seus terriveis effectos aos grandes homens, fez com que os vossos coevos vos odeassem por não possuirem genio igual ao vosso! Mas não importa. Uma corôa de martyrio, cingindo-vos essa fronte, que tambem segura o diadema de rei da Poesia, augmenta-vos a gloria, fazendo com que as gerações, que depois de vós tem surgido e hão-de surgir á vida, vos rendam homenagem como rei, e vos respeitem como martyr.

Odeou-vos essa geração ingrata por seu character ignobil, mas ama-vos e admira-vos a Historia, museu sagrado, onde repousam e acham justiça as grandes glorias, depois de apuradas pelo crysol d'uma critica imparcial e justiceira.

Fostes odeado pelos coevos; mas agora sois por todo o mundo admirado como maravilha do talento, e o vosso poema — *Os Luziadas* — a maior das perolas, de que está marchetada a vossa corôa, é para nós uma arca sagrada, em que está depositado o padrão da nossa independencia e autonomia.

Hoje commemora a geração presente o tricentenario do vosso fallecimento, que é tambem a vossa passagem para a Historia da Humanidade: e, quando todas as classes sociaes mostram unanimes á porfia o seu preito de admiração e respeito para comvosco, — nós, que, para a conquista do Saber, pugnamos nos arraiaes de Minerva, onde vós fostes tão distincto soldado, que com a vossa penna immortalisastes o vosso nome e a vossa patria, — nós não podemos deixar de levantar um humilde padrão de reconhecimento e admiração á vossa memoria, — a de um bravo militar, d'um eximio poeta, e d'um verdadeiro patriota.

Um grande campeão das letras, que tão dedicado tem sido á vossa memoria, nos acompanha n'esta nossa manifestação patriotica para comvosco, a quem tanta gratidão devemos;

pois que, immortalisando o vosso nome com a vossa obra, que é um immenso producto do genio humano, levantastes á nossa querida patria um immorredouro padrão.

Passará a nossa nacionalidade, passarão as gerações que desapareçam no abysmo do tempo, só não passará a vossa obra e com ella a memoria eterna da nossa formosa patria.

Porto, 8 de junho de 1880.

ÁUGUSTO BROCHADO.

LUIZ DE CAMÕES

Muse lend thine aide, and zephyrs on your wings,
The secrets of Parnassus hither bear,
For he who wondrous deeds of valour sings,
Demands a tribute set to heavenly air,
Which angels on their harps of golden strings,
Strike up obedient at the wish of sweet Ignez the fair.

This rippling spring which, neath the lindens flows,
Keeps time unto the measure of my song,
The balmy breeze that o'er the tulips blows,
And note of birds the chestnut trees among,
Inspire me with his praise which as it grows
In me, for ever loftier doth to great Camões belong.

Beneath yon tall magnolia tree that looks,
Majestic in its age, and spreading size,
Oft have I scanned the beauties of those books,
Treading the path that warriors only prize,
Or learning how by cooling sylvan brooks
In meetings lone true lovers learn that language of the eyes.

You know the scene where Adamastor meets
The cong'ring hero Vasco on the wave!
Oft have I thought that where the Ocean beats,
Breaking the silence of some sea-side cave,
The self-same scene my vision fondly greets,
I see again the lordly fleet and Gama great and brave.

In woodland depths where children play at ease,
Gath'ring the flowers wild that deck the ground,
There have I mused beneath the ancient trees,
And wondered if their shadows heard the sound
Of that acclaim, borne on the morning breeze,
That told the wandering universe of countries newly found.

I love the land Camões which gave thee birth,
No fairer spot, the eye of man surveys,
No braver race is known upon the earth,
No purer air pervades the summer days;
Here love and song confess the native myrth
That fills th' enraptured hearts of young, and old with joyous lays.

CHARLES SELLERS.

(Written at Mr. Whiteley's School.)

LUIZ DE CAMÕES



SCIENCIA moderna pela bocca de Frederico Schlegel affirmou esta sublime conclusão: «Nunca, desde Homero, poeta algum foi tão honrado e amado pela sua nação como Camões; de modo que tudo quanto esta nação, decahida da sua gloria immediatamente apoz a morte d'elle, conservou de sentimentos patrioticos, tudo se liga a este unico poeta, que pôde com justiça substituir a maioria dos outros e ser considerado como uma litteratura inteira.» São de uma profunda verdade estas palavras; o nome de Camões é a synthese do sentimento nacional portuguez. A historia o confirma; ainda no seculo xvi, sob o dominio estrangeiro o poema dos *Lusiadas* era lido e commentado pelos que suspiravam pela independencia da patria, e o grande revolucionario de 1640, João Pinto Ribeiro, n'esse poema encontrou acceso o fogo sagrado com que reivindicou a autonomia da liberdade portugueza. Todas as vezes que essa liberdade esteve em perigo, Camões e o seu poema foram o palladio em volta do qual se congregaram todas as energias da independencia, como vimos em 1817 a 1820, com as homenagens do Morgado de Matheus e em 1824 com as bellas creações artisticas de Garrett e de Sequeira. Hoje, que assistimos á festa de unanimidade de sentimento nacional do Centenario da morte de Camões, em 10 de Junho, não podemos deixar de vêr n'este facto o phenomeno moral de uma revolução das consciencias que tomam este grande dia como o marco d'onde partem para um novo destino. A vida de Camões não é uma simples indicação de dados biographicos; ella está ligada a todos os accidentes historicos da nacionalidade portugueza. Nasceu no mesmo anno em que morria Vasco da Gama, em 1524, como se os grandes feitos realizados precisassem de ser completados pela eternidade da gloria. Foram seus paes Simão Vaz de Camões, segundo neto do trovador galleziano Vasco Pires de Camões, e Dona Anna de Sá e Macedo, oriunda da familia dos Gamas do Algarve. Na

vida do poeta sentem-se estas duas influencias ethnicas, no seu character passivo e ao mesmo tempo inquieto, como vemos no subjectivismo dos seus cantos lyricos e nas tempestades constantes que envolveram a sua vida. Nascido no primeiro quartel do seculo xvi, na fecunda época da Renascença, elle acompanha essa actividade dos espiritos como um humanista, conhecedor das litteraturas da antiguidade, das sciencias que se restabeleciam, e da jurisprudencia que se rigorisava nas sociedades pelo regimen parlamentar. A educação de Camões fez se em Coimbra, parte no Mosteiro de Santa Cruz, para onde convergiam todos os filhos da aristocracia portugueza, e na Universidade de Coimbra depois da reforma de 1537. A época da sua formatura juridica fixa-se até 1542, e esta data é eloquente, porque nos mostra que escapou á esterilizadora acção dos jesuitas em Portugal, que depois de 1555 se apoderaram do ensino publico, offuscaram a fecundidade creadora dos Quinhentistas, e mataram nas consciencias das novas gerações submettidas á sua férula o sentimento nacional que em 1580 estava totalmente extincto a ponto de Philippe II, o invasor, ser recebido com arcos triumphaes.

Depois de 1542 Camões veio frequentar a côrte de D. João III, onde o beaterio extinguiu o esplendor dos serões litterarios em que a aristocracia portugueza revelava uma extraordinaria cultura; o facto de não deixarem sair de Portugal a infanta D. Maria, ultima filha de D. Manoel, para ir ter com sua mãe, que estava casada com Francisco I de França, fez com que a deixassem distrair com exercicios litterarios; foi em volta da infanta D. Maria que se formou essa côrte esplendida de senhoras instruidas, como as Sigêas, Paula Vicente, D. Leonor de Noronha, D. Francisca de Portugal ella recebia a dedicatória do *Palmeirim de Inglaterra* de Francisco de Moraes, e pedia versos a Camões. Foi durante este periodo da vida do paço que o poeta teve amores com D. Catherina de Athayde, filha de D. Antonio de Lima, camareiro mór de D. Duarte, e que o odioso Pero de Andrade Caminha motejou de Camões em soezes epigrammas, e que porventura maquinou as intrigas que tiveram como resultado o ser Camões desterrado da côrte, e o andar errante pelo Ribatejo, até que se resolveu a ir militar em Africa.

Fixa-se depois de 1546 a partida para Afri-

ca, servindo dois annos nas guarnições de Ceuta, perdendo em uma emboscada dos arabes o olho direito, o fructo acerbo de Marte, a que se refere nos seus versos. Em Africa começou a vêr a decadencia progressiva do dominio portuguez e a sentir a necessidade de perpetuação na memoria dos homens. Assim lhe nasceu na alma o desejo de ir batalhar nas conquistas do Oriente, acompanhando em 1550 o novo vice-rei D. Affonso de Noronha, que partira de Africa para Lisboa, d'onde devia seguir para a India. Camões alistou-se como soldado para ir na armada de vice-rei, mas como esta arribou pouco depois da partida, Camões ficou em terra, porventura esperançado na grande protecção que o joven principe D. João consagrava então aos poetas portuguezes. Um accidente desgraçado complicou a sorte de Camões; generoso e valente, para acudir a um amigo, feriu em 1552 na procissão de Corpus ao creado dos arreios de D. João III, Gonçalo Borges, d'onde resultou ser preso e jazer um anno na cadeia do Tronco da cidade, até 7 de março de 1553. Durante esse periodo do carcere teve conhecimento da primeira Decada de João de Barros, que lhe fortificou o pensamento da composição dos *Lusiadas*. A 24 de março de 1553 partiu para a India na nau Sam Bento, sendo inscripto como *homem de guerra*, e tendo por fiador seu tio Belchior Barreto, o que leva a inferir que a viagem da India fôra para elle um castigo. A armada soffreu um terrivel temporal, e de todas as náos que a compunham só a Sam Bento, pelo facto de singrar por fôra da ilha de Sam Lourenço, chegou á India n'esse anno de 1553. «Foi logo necessario tomar guerra», diz o poeta, que acompanhou D. Affonso de Noronha na expedição contra o Chembé; em 1554 occupou-se no cruzeiro doentio do Monte Felix, regressando a Gôa na época dos festejos da nomeação do governador Francisco Barreto em 1555. A vida de Gôa era assás dissoluta, e Camões protesta contra essa sepultura de todo o homem honrado; Francisco Barreto era novo e bastante severo, querendo assignalar o seu governo pela reorganisação dos serviços publicos. Foi n'esta crise que Luiz de Camões foi escolhido para Provedor-mór dos Defuntos e Ausentes em Macau, logar de natureza do ministerio publico orphanologico, que longe da metropole da colonia só podia ser exercido por um

homem valente e honrado. Camões partiu para Macau em 1556, regressando ao fim de dois annos, debaixo de prisão por ser *mexericado de amigos*. Durante os dois annos de Macau se occupou em escrever o poema dos *Lusiadas*, na celebre gruta, ainda hoje memorada; no regresso a Gôa naufragou na foz do Mecon, nas costas de Cambodja, onde se salvou a nado, salvando tambem o poema das glorias portuguezas. Elle viu as maravilhas da cidade de Angor, e no seu poema falla dos cultos da religião dos khméres. Depois de chegar a Gôa, e já no carcere recebeu a noticia da morte de D. Catherina de Athadye *muito moça no paço*, como dizem os nobiliarios. Invernando em Gôa em 1559, e posto já em liberdade pelo vice-rei D. Constantino de Bragança, é empregado no despacho pelo novo vice-rei o conde de Redondo em 1561, vivendo em 1563 na intimidade intellectual do sabio e velho Garcia d'Orta. Em 1564 o seu antigo amigo D. Antonio de Noronha, nomeado vice-rei pela morte do Conde de Redondo, nomeou-o para a sobrevivencia da Feitoria de Chaul, de que não chegou a tomar posse. É entre 1564 e 1567, que se collocam as viagens de Camões no archipelago das Molucas, citando nos seus versos principalmente a Ilha de Ambuina. Em 1567 acompanhou Camões Pedro Barreto, que ia tomar posse da capitania de Moçambique, fiado na esperanza de regressar depressa a Portugal com o seu poema; Pedro Barreto perseguiu-o e deixou-o na miseria, sendo em 1569 encontrado pelo seu amigo Diogo do Couto *tão pobre que comia de amigos*. Os portuguezes e camaradas que regressavam em 1569 a Portugal em a não Santa Clara, cotisaram-se entre si para o vestirem, e trouxeram consigo *este principe dos poetas do seu tempo*, como lhe chama o eruditissimo Diogo do Couto. Chegou Camões a Lisboa em 7 de abril de 1570. A nação estava na mais profunda miseria; Lisboa estava devastada pela *peste grande* de 1569, em que morriam mais de quinhentas pessoas por dia; os jesuitas dominaram a consciencia do joven monarcha D. Sebastião e maquinavam a perda de Portugal. Foi n'este estado de abatimento publico que Camões procurou dar á luz o poema dos *Lusiadas*, obtendo licença em 23 de setembro de 1571, e sendo publicado só em principio de julho de 1572. Deu-se-lhe ainda em 28

d'este mez uma tença de quinze mil reis pela sua *habilidade e sufficiencia*, só por trez annos, sendo renovada em 2 de agosto de 1575, mas sempre atrazada pela má vontade dos funcionarios. O livro dos *Lusiadas* provam contra Camões terriveis malevolencias da parte de Caminha, Bernardes, Jeronymo Côrte-Real, Francisco de Sá de Menezes e outros poetas da côrte, de sorte que em 1578, quando D. Sebastião se lançou na tresloucada expedição de Alcacer-Quibir, Bernardes foi preferido a Camões para ser o cantor d'aquella empreza cavalheiresca. Depois da derrota de Alcacer em 4 de agosto, Camões conheceu que o Cardeal D. Henrique conspirava contra a autonomia de Portugal, e todos os partidarios da independencia nacional se agrupavam em volta do poeta. Elle adoeceu n'esse terrivel periodo conhecido na historia pelo nome do *tempo das alterações*, e vendo que a honra e liberdade portugueza se afundavam na traição, ao saber que os exercitos de Philippe II já estavam em Badajoz, escreveu a D. Francisco de Almeida estas celebres palavras: *Ao menos morro com a patria*, tornando verdadeiro este protesto pelo seu falecimento, a 10 de junho de 1580 em um hospicio de caridade como se sabe pela nota de Frei Joseph Indio seu amigo. Sua mãe sobreviveu-lhe ainda até ao anno de 1585. O livro dos *Lusiadas* ficou como o deposito sagrado do germen da liberdade portugueza, e os jesuitas o comprehenderam, porque em 1584 o mutilaram. Trez gerações passaram para que a intelligencia portugueza sentisse a profundidade da synthese contida no nome de Camões, e essa intelligencia é a prova de uma immensa vitalidade.

THEOPHILO BRAGA.

A CAMÕES

Apoz seculos tres de ingrato esquecimento,
Consagram-te, Camões, o genio divinal!
Tardia apothéose ao immortal talento
Do vate mais gentil que teve Portugal!

Ultrajou-te sem dó a geração coeva!
Deram-te, em apanagio, injurias e desdem!
Mas a posteridade hoje teus restos leva
Ao luso pantheon, ao templo de Belem!

ALBERTO CARLOS.

LUIZ DE CAMÕES



LLE não foi só um grande poeta; foi, além d'isso, um grandissimo desventurado.

Não-sei eu dizer, com verdade, o que mais me maravilha n'elle: se a opulencia, verdadeiramente jonica, do seu talento immenso, se a extraordinaria desventura de que sempre foi preza!

Poeta e cavalleiro, passando junto á opulencia e ás fascinações da côrte; educado na contemplação epica das grandezas da sua patria; sentindo estuar-lhe lá dentro, aquelle fôgo das mil illusões que, ha tres seculos, era como que o incentivo para as mais heroicas emprezas: aquella alma, ao meditar sobre a escuridade de seus dias, devêra sentir profundas e angustiosissimas dôres!

«Depois que d'essa terra parti, — escreve elle, da India, a um amigo, — como quem partia para o outro mundo, mandei enforcar a quantas esperanças dei de comer até então, com pregão publico: *por falsificadores de moeda*. E desenganei esses pensamentos, que por caza trazia, por que, em mim, não ficasse pedra sobre pedra. — »

Pedra sobre pedra!

Vejam as lagrimas que estas ironias amargas estão revendo. Do cavalleiro enamorado, que entrara na vida com a alma aberta a todas as grandes seduccões do Bello, do Justo e do Bom; do môço adormecido pelas formosas phantasias dos vinte annos, em que só ha crenças no futuro, encanto e fascinação nas mulheres, dignidade e inteireza nos homens; valôr nos bravos, desprezo para os infames, para os vis, para os indignos; — d'essa synthese de toda a imprudente mas formosa quadra da vida, — que uma só vez gosamos, e tão ligeira passa — era mister que não ficasse *pedra sobre pedra!* Era mister investir com a fortuna, com a vida das provações, com a realidade.

Partiu para longe da patria.

Deixava cá, sobre o torrão querido do seu berço, a melhor porção da sua alma. Por isso elle se partiu « como quem o fazia para o ou-

tro mundo.» No entanto, d'alem-mar, sorrialle a espontaneidade da gloria como uma provação divina. O mundo era largo. Os homens não seriam maus em toda a parte. Tinha cinco mil leguas deante de si. Em regiões tão afastadas, era impossivel que não encontrasse almas, como a sua, anciadas na demanda do Summo Bem, como prémio unico a quem trabalha na vida. Alta noite; ao contemplar a esteira murmurosa da nau que o levava á India; ao ver como n'ella se reflectiam as estrellas vividas e tremeluzentes do firmamento azul, como amargas deveriam ser as suas lagrimas! e como elle as procuraria esconder, ainda assim, da vista dos soldados de Fernando Alves Cabral! Por que mostrar que chorava, seria denunciar o desanimo, e elle ia para investir com os trabalhos da vida e bem servir a patria e o seu rei: por que chorar, seria anthenticar um grande desalento; e elle, o desventurado, queria fingir que se partia, animado das mais vivas esperanças, emballado nos sonhos mais gentis.

Que encontrou elle no oriente?

«Da terra vos sei dizer que é mãe de villões e madrasta de homens honrados» — escreve elle. Lá o investem, lá o caluniam, lá o desterram. Lucta com os homens, com as leis e com as ondas. Na patria não acha mulheres que lhe dêem a exclusão de um grande sacrificio; longe da terra natal não encontra um homem que ampáre os desconfortos do seu exilio, que adoce as provações do seu desterro! No oriente, como no occidente do mundo, acha que os villões prosperam e que os homens honrados se definham. Na contemplação de igual espectáculo foi que Affonso de Albuquerque exclamára aquellas sentidissimas palavras: — «Anda, velho desenganado, volta-te para Deus.» E Camões, não menos desenganado que aquelle grande capitão, voltou-se para a poesia.

Cantou.

Pela porta, porque entram para a posteridade, o assassino de Socrates e o algoz de Napoleon em Santa-Helena, aponta igualmente no limiar da historia o vulto repellente e antipathico de Francisco Barreto. E, nem Melito, nem Hudson Lowe, nem o successor da auctoridade de D. Pedro de Mascarenhas abafam as explosões brilhantes do talento genial das suas victimas.

É assim, que vemos Socrates, ao passo que o encarceram e o arrastam á presença dos heliatas, escrever os seus *hymnos d'Apollo*, com a serenidade de um martyr: Camões, quando a calúnia ruge contra elle, pela voz dos seus inimigos, prepára a maior epopeia do seu seculo, escreve no tumulto de Portugal o epitaphio homerico das suas grandezas: e Napoleon, a aguia despenhada, nas horas em que não é vilependiado por o seu rude carcereiro, commenta, com a serenidade de um general tranquillo as campanhas gaulezas de Julio Cezar, o itinerario de Annibal e as historias germanicas de Cornelio Tacito.

É assim, que Melito, Francisco Barreto e Hudson Lowe, os tres carrascos, entram na posteridade!

No entanto, repito, Luiz de Camões cantava. Por isso é que do seu poema se póde dizer o que do *Paraizo* de Milton disse um critico: ha n'elle *um não sei quê* (*I do know what*) de sublime, triste e sombrio que nos encanta.

É que muitas d'aquellas estancias foram escriptas com lagrimas.

Voltou do exilio, pobre, doente, desalentado. O seu ultimo ideal, a Gloria — reflectia-se nas brilhantes paginas do seu poema como os derradeiros clarões de um astro que se esconde. Por que elle já não canta para celebrar acções generosas que sejam os incentivos para o respeito dos seus e caminho para a veneração dos homens. De mais sabe elle que não é entre os varões preclaros que a fortuna costuma recres-tar os seus eleitos: elle canta para que a raça abatida do seu tempo contemple a sua criminosa decadencia no espelho enorme das virtudes dos seus progenitores.

«O favôr com que mais se acende o engenho
Não no dá a Patria não; que está metida
No gosto da cubiça e na rudeza
De uma austera, apagada e vil tristeza.»

Era *gosto da cubiça*, que o desditoso poeta chegou a applaudir nas horas do seu ainda ardente entusiasmo pela grandesa da patria

«Depois virá um tão ditoso dia
Que as tuas Reaes Quinas desprezadas
Na multidão de toda a Barbaria.»

e aquella *apagada e vil tristeza*, que elle descobria já no aspecto dos portuguezes denunciavam

o temeroso desastre de Alcacer-Kibir, o tumulto da nossa nacionalidade.

No entanto, a admiração pelo seu poema converte-se em critica de partido, e os *Lusiadas* soffrem as inevitaveis mutilações dos inquisidores.

Depois, começa o periodo da vergonha nacional. Luiz de Camões morre, pobre, desamparado, sem amigos. Se é procurado, no seu lastimoso extremo, por algum que o foi, é para o arguir e censurar!

«Que aviso tan grande! — exclama um seu contemporaneo, o carmelita de Guadalaxára. fr. Joseph Indio — para los que de noche, y de día se cansan estudiando sin provecho, como la arana en urdir tellas para caçar moscas!»

Oh é por isso que eu digo — Elle não foi só um grande poeta; foi, além d'isso, um grandissimo desventurado!

JOSÉ CALDAS.

ANTE A ESTATUA DE CAMÕES

Olhae! ao contemplar o vulto magestoso,
Immerso na mudez, mas dominando a terra,
Haveis sentir o seio arfar mais fortemente,
Recordareis o mar, o vento, a fome, a guerra!...

Olhae! Vêde no bronze impressa a pura imagem
D'esse Poeta immortal, gloria lusitana!
Todos lhe prestam culto, e em manhã formosa
A luz beijar-lhe vem a fronte soberana!

Quem não ha-de lembrar, ante esse vulto augusto,
Seus feitos de valor, que a fama engrandeceu!?
Cruzando o mar, audaz, valente e destemido,
Amou, soffreu, cantou... e ao tumulto desceu!

Sublime inspiração doirou-lhe a fronte altiva,
Onde resplandecia a luz da sua gloria!
Exaltou Portugal em canticos divinos,
Do Gama vencedor — fez a grandiosa historia!

Olhae! Ao contemplar o vulto magestoso
Immerso na mudez, mas dominando a terra,
Haveis de sentir o seio arfar mais fortemente,
Recordareis o mar, o vento, a fome, a guerra!...

5 — Junho — 80

MATHEUS PERES.

SALVE, CAMÕES!

Por entre a grande lide activa e perennal
Que de atomos construe a luminosa esphera,
O homem, leve pó na urna universal
Procura o infinito, e parte de monera.

E n'este proseguir devido á lei fatal,
Se adormece um momento á sombra da chimera
Depressa ergue no seio o excelso tribunal
Onde se enleia o Bem como no róble a hera.

Assim jazia ha muito a gloria portugueza,
Inerte, sem prestigio aos pés da realeza,
Emquanto a Ideia cria as bellas concepções.

Mas desperta a Consciencia, e segue o julgamento
Que faz á liberdade o deslumbrante advento!
Resuscitaste a patria, és mais que um Deus, CAMÕES!

ANGELINA VIDAL.

CAMÕES E CERVANTES

Os dous povos da Península, as duas obras mais assombrosamente bellas da sua litteratura: os *Lusiadas* e o *D. Quixote* representam o momento historico das duas sociedades. Os *Lusiadas* são o poema da nossa nacionalidade viva, forte, honrada, cheia de nobres aspirações e de sacrificios dignos. O *D. Quixote* é a photographia da cavallaria hespanhola, cheia de *qui-pro-quos* comicos e burlescos, em que ha conquistas risiveis de amores impossiveis, combates de arlequins, e Polichinellos d'armaduras. Nas duas litteraturas o fim dos dous livros foi igual: os *Lusiadas* cantam a nação portugueza, os seus feitos gloriosos, as conquistas maritimas, a nossa dignidade, o valor: o espirito nacional das épocas heroicas da nossa historia; o *D. Quixote* descrevem a sociedade hespanhola, as suas aventuras galantes, recheadas de peripicias picarescas, o genio turbulento d'aquella raça de comediantes, de Pierrots de lança e escudo, toda aquella nação comica, que para que morresse, para depois se levantar pela sua dignidade, foi preciso que Cervantes lhe cravasse

no coração o fino lapis amargo da sua ironia. Duas obras igualmente bellas, escriptas por o mesmo influxo de dever, a mesma força de imaginação, de vida, de enthusiasmo: duas obras immortaes a que se deve a revelação de duas nacionalidades; duas obras que ficarão como paginas de bronze a attestar sempre a fecunda obra do genio. Oh! é que a immortalidade do genio é como o perfume suave da lorangeira que o vento nos traz nas suas azas delicadas e transparentes, e que sempre forte vae ondeando pelo mundo fóra na eterna attracção da Luz!

Porto.

XAVIER PINHEIRO.

PER AMICA SILENTIA LUNE...

Que profunda tristeza dolorosa
ostenta a Natureza em noites claras!
geme o vento nas tremulas searas
uma canção tristissima e chorosa...

O orvalho, sobre o lyrio pudibundo,
crystallizando a gota melindrosa,
é talvez uma lagrima saudosa
do luar silencioso e vagabundo...

Os arvoredos tem uma linguagem
erguendo para o céo, desesperados,
os enormes suspiros da folhagem...

A flôr ostenta os seios golpeados,
rolam prantos amargos da ramagem
dos chorões de cabellos desgrenhados...

Coimbra.

A. FERRO.

CAMÕES, TASSO E CERVANTES



ão tres vultos sympathicos, que se destacam como estrellas de fulgente constellação, na historia litteraria do seculo xvi.

Florescendo quasi nos mesmos dias, vivendo sob o pezado influxo d'uma época obscura e preconceituosa, em que as letras — a aristocracia da intelligencia, a unica aristocracia real — tinham de ceder lugar ás absurdas e convencionaes nobrezas de sangue, por vias muito semelhantes, chegaram a descer a ultima escaleira da miseria social: viver d'esmolos.

Camões, na triste habitação, desprovido de commodidade, sem recursos mais do que uma mão amiga, mas impotente, que lhe apertava a sua nas cruas afflicções de sua existencia amargurada; Tasso, em Ferrára, na atmosphaera viciada e corrupta da côrte do Cardeal d'Este, onde o seu genio teve de se sugeitar aos acanhados horizontes da lisonja e da impostura, para merecer o pão que aquella Signore lhe offercia, e Cervantes, em Messina, em Argel e Azan, já na molestia, já no captiveiro, soffridos n'estas e n'outras paragens a que o levou a fatalidade da indole bellicosa dos povos peninsulares d'aquelles tempos.

Como todas as biographias dos grandes homens, as d'estes teem muitos pontos de contacto: o primeiro perdeu um olho em Ceuta, defendendo o pavilhão portuguez, em combate naval; o segundo perdeu a razão — a vista do espirito — em pugna, tambem, não menos renhida, contra os censores apaixonados da Academia de Crusea, que intentaram deslustrar a sua *Gerusalemme liberata*; o terceiro, perdeu a mão esquerda nas guerras religiosas contra as hostes de Mahomet.

Trez amputações, que longe de lhes afeirem o nome, os exalçaram até ao ponto, em que hoje se veneram, dentro e fóra das respectivas nacionalidades.

Como escriptores, os livros que mais assignalam a sua gloria são: do primeiro, os *Lusiadas*, do segundo, a *Jeruzalem libertada*, e do terceiro, o *D. Quichote* — trez grandes reflectores da sua justa nomeada.

NUNES D'AZEVEDO.

CAMÕES

Elle que recebeu em cheio a luz siderea,
Elle que tanto amou a mãe — a Natureza,
Elle que fez um poema eterno de belleza,
E soube repellir as sombras da materia;

Que cantou a nação heroica portugueza,
Cheio d'inspiração — a luminosa asteria.
Morreu n'um hospital coberto de miseria,
No seio da sua patria, á porta da realza.

O seu nome, porém, entrára já na historia:
Ninguem lhe roubaria a verdadeira gloria,
E o poema correu por todas as nações;

Não obstante já tres seculos passaram,
As velhas gerações sombrias desabaram,
— E só hoje é que se ergue o nome de Camões!

EDUARDO DA COSTA MACEDO.

A DOR DE CAMÕES

P O E M A

...aquelle cuja Lyra sonora
Será mais afamada que ditosa.
(LUSIADA, c. x, est. 128.)

I

A luz banhava os montes e as campinas,
Alegre como a luz que sáe de um berço.
Quando, ó cerebro humano, te illuminas,
Ficar não deve extatico o Universo,
Porque o fio que prende o homem á vida
É uma cadeia vasta, indefinida.

II

As aves que pairavam sobre os lagos
Como as visões dos santos de outros dias,
Como desejos ou aromas vagos,
Enchiam o ar de grandes elegias.
E, como almas que saem de um lethargo,
As ilhas irrompiam do mar largo.

III

A Natureza, como Mãe saudosa,
Ou rio que fecunda as varzeas bellas,
Fazia abrir o calice da rosa,
E, aos tremulos lampejos das estrellas,
Queimar as almas rígidas e austeras
Com as lavas terriveis das crateras.

IV

Foi n'essa paz saudavel e suprema
Em que nos falla tudo quanto existe,
Em que o homem acha um ideal poema
Num rosto lucido ou n'um labio triste,
E em que a Desgraça, que amortalha os povos,
Tolda de escuro os horisontes novos;

V

N'essa hora de incertezas e pezares,
Em que uma ideia corta o peito humano,
Como uma aza retalhando os ares
Ou uma linha interceptando um plano,
Foi que, qual flôr de grandes dimensões,
Se abriu a nobre alma de Camões.

VI

Abriu-se. E elle, o Genio, olhando logo,
Concentrava no seio os elementos,
O firmamento, a terra, o ar, o fogo...
E cheio de profundos pensamentos,
Á grande Alma das cousas, claro dia,
Intuição suprema, assim dizia:

VII

«— É preciso que o Mundo se divida,
E n'esta immensa, universal herança,
N'esta corrente fêrvida da vida,
Uns conheçam a Dôr, outros a Esperança.
Eu tenho a Dôr p'ra mim. Ó terra, ó céu,
Nunca ninguém melhor a comprehendeu.

VIII

A Dôr ha-de seguir-me eternamente
Como a sombra que segue os nossos passos.
Quer eu desça aos abysmos inconsciente,
Quer me levante aos lucidos espaços,
Oh! hei-de sempre na minha alma ouvi-la,
Como uma aria lugubre e tranquilla!—»

IX

E o Poeta adormeceu na Dôr escura
Como um arabe dorme no Deserto.
A Dôr foi berço, leito, sepultura
Áquelle seio, á Gloria sempre aberto.
Elle sorriu-lhe, e abraçou-a morto
Como Christo os rochedos do seu Horto.

X

Hoje, que são tres seculos corridos,
E a Lua tem beijado tantas vezes,
Com pranto, aquelles restos carcomidos
Do maior coração dos Portuguezes,
—É tempo de, ao clarão ideal da Gloria,
Virmos saldar as contas com a Historia.

GENESE DE CAMÕES

No primeiro quartel do século de quinhentos
Coroavam Portugal as glórias dos portentos.
Seus feitos, seu valor enorme, sem segundo
Eram da Africa luz, terror de Novo Mundo,
Da Asia assombro, da Europa inveja, emulação.
Era um paiz-diamante, um sol feito nação!
Imperio colossal, não consentia raia.
Estendia o poder da Estrella ao Himalaya,
De Argila a Bombaim, do Tejo ao Amazonas.
Dos nobres a isenção, virtudes das suas donas,
Governo de alguns reis, do povo a sã moral,
Tinham feito gigante o debil Portugal.
Era um povo de heroes, indomitos, pugnazes,
Strenuos peões do Bem e martyres audazes,
Que enchiam de enthusiasmo os fartos pulmões de aço.

Foi por então que lá nas regiões do Espaço,
N'esse abysmo sem fim, sem fórmãs e sem côr,
Se uniram em congresso o Mar, o Sol e o Amor.
Que Augusta reunião, que singular trindade!...
Do vivo ether subtil a vaga immensidade
É a sala das sessões d'este congresso éxtranho;
Sirius, Aldebaran, as Ursas e o rebanho
Inquieto, fulgurante, em rubros turbilhões,
Que o céu povôa e anima aos centos de milhões,
Eis o espectador; orchestra as harmonias
Do vultear dos sóes — aereas cotovias;
Secretários a Terra, Uranio e os mais planetas;
Assento as nuvens; signa e flammula os cometas;
Lampadario sublime o fulvo olhar de Deus!

Ergue-se o Mar em pé e vae fallar. Nos céos
Cresce a avidez de ouvir, vê-se a attenção suspensa,
E o silencio a alastrar pela amplidão immensa:
Prega a anciedade os sóes no curso das ellipses:
Opprimem-se em tropel, produzem mil eclipses:
E n'esta quietação curiosa, universal
Ouvir-se-hia a luz roçar por um crystal...
— Eu sou o eterno escravo; em fremitos gigantes
Despeço contra o céu as ondas espumantes,
Iroso tumultuar de coleras eternas.
Sou dos antros o rei, o artista das cavernas:
Vou-lhes paciente abrindo os porticos gentis,
E hórdo a filigrana em seixos dos mais vis.
Sou o maximo vigor diluido na ternura,
Um mixto singular de força e de brandura.
Ora meigo acalento as praias; ora as fragas
Azorrago sem dó com latego de vagas.
Hoje uma nau me apraz nas fauces engulir;
Um naufrago amanhã sollicito expellir.
No meu tepido seio, uberrimo, tranquillo,
Ha pujanças de vida, ha no gerar estylo,
E fauna e flora são monstruosas maravilhas!
Furam-me aqui e ali os pincaros das ilhas,
Quaes pregos de junção de uma armadura azul,
Fabricada em Toledo, ou filha de Stambul.

Á lua, minha amante, ebrio de amor alteio
O dôrso colossal em affectuoso anccio.
Meus murmurios subtis, minhas canções dolentes
Impregnam de paixões o coração dos entes,
Que se amam santamente e cujo santo amor
É um quadro de martyrio emmoldurado em dôr:
Da borrasca o stridor, de cholera o meu grito
As rochas faz alluir, rasga o tenaz granito,
Continentes subverte, e faz tremer o Espaço.
É doce e varonil quanto eu produzo e faço...
Os meus dons como premio offerto a Portugal.—
Disse e findou ao som da approvação geral.

Depois que se refez silencio em toda a parte,
Solemne ergueu-se o Sol e começou d'est'arte:
— Sou o astro appetecido, o rubro pomo de ouro,
A palma da victoria, o fulgido thesouro
Que émulos sem cessar quereem, disputam com
Affinco e enthusiasmo o Bello, o Justo e o Bom.
Do meu fecundo seio, em épocas remotas,
Aos punhados lancei para as regiões ignotas
Pedaços de materia, em nuvens, dilatados,
Os quaes depois, em globo unidos e adensados,
Pozeram-se a vultear gentis em torno a mim,
A abraçar-me, a seguir-me... e a constituir assim
O submisso cortejo, o sequito brilhante,
Que magestoso arrasto, alegre e triumphante,
No meu peregrinar sereno pelo Espaço.
Em meu fulgir não ha nem sombra de cansaço.
Se acaso no meu craneo alveja alguma cá,
A aurora, minha esposa, occulta-a de manhã.
Sou um feroz tyranno, um despota irascivel!
Na Terra, minha escrava, impéro irresistivel
Com a possante acção da minha massa enorme.
O meu ardente olhar flammeja, nunca dorme;
Semelha a Indignação ardendo feita gaz.
Nero da Immensidade — é certo que me apraz
Ás vezes submergir a Terra em mar de brazas.
Dei ás aguias olhar e ao condôr as azas.
Meu halito inflammado, intenso, asphyxiante
Nos plainos do Equador calcina o viandante...
Mas sou tambem elemento, affavel, soffredor.
Amantissimo pae, commum progenitor
Dos planetas senis que em torno a mim abundam,
Por estes filhos meus, que de prazer me inundam,
Estremeço de affecto em vibrações continuas
Com rapidez pasmosa, electrica... e ensino-as
A devorar o Espaço intrepidias — a rir,
Para irem joviaes nos globos produzir
Movimento e calor e luz: portanto a Vida!
Sou do aniquilamento a presa appetecida.
Revolve-me hilariante as fulgidas entranhas
Um deboche de luz, saturnal de montanhas.
Sou o candente lago, a fonte em erupção,
Onde soffrego bebe o poeta a inspiração;
O cáldido tinteiro em cujas tintas finas
Os genios vem molhar as pennas diamantinas.
Eu da Sciencia mostrei a Solon o invio trilho;
Eu eduquei Homero e o Dante era meu filho!
Os meus dons como premio offerto a Portugal.—
Disse e findou ao som da approvação geral.

Ergue-se enfim o Amor. Cresce a curiosidade
 O silencio e a attenção na magna sociedade...
 Rodeia-o uma aureola intensa e luminosa
 De louras illusões, de sonhos côr de rosa.
 — Quem ha ahí que me não conheça e sinta? Quem
 Ha que se não submetta ao meu poder?... Ninguem!
 O meu suave jugo, o meu immenso imperio
 Abarca a Natureza, abrange o espaço ethereo,
 Tem por ambito o Mundo, é eterno, é infinito!
 A vida é toda amor. Não ha ninguem — repito,
 Nem sol, nem animal, nem alma ou coração,
 Que eu não povôe e anime e ludibrie; não.
 O que serias tu sem mim, pobre Universo?...
 Um kosmico rosario, em confusão disperso;
 Um negro cahos; mumia inerte e resequida;
 Cemiterio de luz a parodiár a Vida;
 A Desordem jogando a astros o bilhar;
 Um cadaver sem côr n'um mausoleu sem ar;
 Uma estatua de gelo, inanime, firmada
 Na base — Escuridão, no pedestal do Nada!...
 A minha acção adorna as almas de chimeras,
 Alegria a Immensidade e faz mover as spheras,
 Combina da materia as mutuas attracções,
 E uns aos outros estreita os gemeos corações.
 Roço com o meu manto a face das estrellas,
 Para as abrilhantar, pulir, para aquecel-as.
 Sou a alma do Universo. As minhas alegrias
 Nos sóes vão acordar ceruleas harmonias.
 Tenho o supremo sceptro, o mando universal!
 Os meus dons como premio offerto a Portugal.—
 Ecoou da approvação unanime o concerto.

Fôram logo depois reunidos com acerto,
 Criterio e rapidez notavel os melhores
 E mais preciosos dons dos tres discursadores.
 Um astro já ôco e velho e colossal serviu
 De retorta, que o mixto amalgamou, fundiu,
 Ao sôpro que origina o verme e as nebulosas.
 E as estrellas assim doáram generosas
 Dos Gamas e Manueis á patria afortunada
 Uma combinação completa e aprimorada,
 Um mixto singular de tantas perfeições,
 Um producto immortal — doáram-lhe Camões!...

Maio 1880.

ABEL ACACIO.

SAUDAÇÃO AOS JORNALISTAS E ESCRITORES DA CAVALHEIROSA HESPAÑHA



UBILOSAMENTE saúdo os jornalistas e es-
 criptores da cavalheirosa Hespanha, que
 com as suas talentosas e formosissimas
 composições vieram abrilhantar a colla-
 boração esplendorosa do *Portugal a Ca-
 mões*, prestando assim preito á maior e
 mais respeitosa individualidade da minha
 querida patria.

FERREIRA DE BRITO.

NA ULTIMA PAGINA DE UM LIVRO (1)

Nunca eu vos lêsse, nunca... Se eu soubera,
 Ó versos immortaes e encantadores,
 Que em logar de uma eterna primavera
 Em vós achava apenas ais e dores;

Nunca vos lêra, não. Na atmosphaera
 Em que vivo, só ha risos e flôres,
 E, se não fosses vós, não conhecêra
 Que profunda tristeza ha nos amores.

Nunca eu soubera, versos, a amargura
 Que após momentos de ideal ventura
 Á nossa alma tristemente desce,

Nem que do amor da nossa mocidade,
 Depois fica-nos só uma saudade
 Ou nem isso talvez... Nunca eu vos lêsse!

3-5-1880.

MAXIMIANO LEMOS JUNIOR.

(1) Os *Sonetos* de Luiz de Camões.

SUBSCRIPTORES

DA

MOCIDADE A CAMÕES

José Estanislau de Barros	300
Ferreira de Brito	1:000
Maximiano da Silva Monteiro	500
Alberto Saraiva da Silva Monteiro	500
Augusto Maximo Pinto da Fonseca	500
Antonio Maximo Pinto da Fonseca	500
Eduardo Americo Urzedo da Rocha	500
Joaquim Carmelino Gomes	500
Um patriota	200
Zepherino Pacheco Ribeiro Coelho	200
Alberto Navarro	300
Francisco Pinto Teixeira	500
Romão Braz Fernandes	400
Antonio Ferreira do Amaral	300
Eduardo do Valle Frias	500
Laureano de Brito	300

TIRAGEM 1:000 EXEMPLARES

Papel-Binda, 500 exemplares.
 Papel-Ruães, 500 "

Gravura do estudante da Academia de Bellas-Artes
Augusto José Calixto

Impr. Internacional, de Ferreira de Brito & A. Monteiro

Bomjardim, 489 — PORTO

BIBLIOGRAPHIA

Temos recebido as seguintes publicações que muito agradecemos:

Os Preconceitos. — Com este titulo recebemos um drama em tres actos, escripto pelo snr. A. F. da Rocha Páris, precedido por um retracto photographado do auctor, e de um prologo do snr. P. Chagas.

Da feliz estreia do joven e notavel escriptor têm-se occupado com grande elogio a imprensa, e por isso nós que fallamos por ultimo renovaremos esses louvores, porque os achamos merecidos.

O drama em questão é uma estreia feliz e pronuncio d'um futuro brilhante, se o esperançoso joven cultivar com auxilio dos bons modelos o ramo das lettras que encetou.

P. Chagas no prologo, que precede *Os Preconceitos*, notando os defeitos que necessariamente havia de ter a producção d'um joven de 17 annos, não deixa tambem de lhe fazer mais uma vez justiça fazendo vêr as suas bellezas e agourando-lhe um bom futuro; acabando por se felicitar por lhe caber a honra de prefaciare a estreia tão promettedôra.

Um aperto de mão ao snr. R. Páris e muito obrigado pelo exemplar com que brindou a redacção da *Mocidade*.

— Recebemos mais as seguintes publicações que muito agradecemos: O pouco espaço de que dispomos não nos permite formar juizo a respeito d'ellas.

— O snr. Souza Macario brindou-nos com as suas seguintes producções: *A Voz do Crente* (poesia); *Recreios Poeticos* (vol. III); e *Felicitação*.

— *Revista de Medicina Dosimetrica*, pelo processo do dr. Burggraave, dirigida pelo snr. Oliveira e Castro. Leça de Palmeira.

— *Revista de Medicina Dosimetrica*, de Madrid, dirigida por D. Baldomero Valledor.

— *Museu Illustrado*. Num. II. Director David de Castro. Traz duas optimas estampas o n.º II.

— *El Correo Literario*. Recébmicos este periodico de Madrid, que insere um artigo *Gloria a Portugal*, a proposito dos festejos do tricentenario de Camões.

— *La Revista Social*, de Barcelona.

— *Consciencia litteraria*, carta a C. C. Branco por Affonso de Queiroz.

— *Poesias do dr. Zagallo*. Recebemos as 16 primeiras paginas d'este livro editado pela empresa do *Jornal de Lamego*.

— *Diccionario*. Recebemos algumas folhas distribuidas pelo *Commercio*, aos seus assignantes.

— Recebemos mais os seguintes periodicos: *Echo Escolar*, *Litterario*, do Porto; *O Besouro*, de Lisboa, *Districto de Faro*; *Pensamento*, de Coimbra; das ilhas adjacentes: *Boletim Judicial*, *Grinalda Madeirense*, *Echo Praiense*.

Enviar-se-ha *A Mocidade a Camões* a todas as bibliotecas que a sollicitarem.

— Os nossos collegas, que não tenham recebido todos os numeros da *Mocidade*, farão o favor de declarar os que receberam para lhe enviarmos os que lhes faltarem.

— Ao *Commercio da Povoia* agradecemos a publicação do annuncio da *Mocidade a Camões*.

— A todas as redacções a que enviámos *A Mocidade a Camões* pedimos que accussem a sua recepção.

— Não publicamos n'este numero os nomes dos snrs. que não pagaram o importe da assignatura, porque alguns só querem pagar no fim do trimestre. Com este numero finda o primeiro trimestre, pois este numero equivale pelos seus melhoramentos e despeza aos dous (5 e 6), que haviamos de dar. Os snrs. que agora não pagarem serão considerados como caloteiros e como taes lhes publicaremos os nomes no primeiro numero que vir a luz da publicidade, com as considerações que

julgarmos merecidas, e, se assim não obtermos o que é nosso, resta-nos a satisfação de marcar os *homens dos cães* para nunca mais n'elles confiarem as empresas d'outros jornaes.

— Alguns senhores que subscreveram para auxilio da publicação da *Mocidade a Camões*, não pagaram o dinheiro com que subscreveram, ainda que os avisamos particularmente, e além disso no numero 4 da *Mocidade*.

Suppomos que o fizeram por brincadeira e é por isso que os seus nomes não foram hoje publicados no corpo da *Mocidade a Camões*.

— Os assignantes da *Mocidade* tem direito a que lhe compremos livros ou lh'os mandemos encadernar, enviando-nos a sua importancia e porte do correio.

— Por falta de espaço não damos publicidade a varios artigos que recebemos para *A Mocidade a Camões*, taes como do snr. Arthur Seabra, Camillo Ribeiro, A. Villar, etc.

Toda a correspondencia relativa á *Mocidade* deve ser dirigida de julho em diante, para a rua de Santa Catharina, 78 — Porto.

CORRESPONDENCIA ECONOMICA

Snr. Alexandre Augusto d'Araujo (Lamego). Recebemos os 4 numeros da *Mocidade* que devolveu por ir de viagem (*sic* ou talvez pela ameaça que fizemos aos que não pagassem). No entanto os preparativos para a viagem não lhe impediram a leitura dos mesmos numeros, nem de os rasgar, de os por bem porcos, e de assim nol-os mandar. Scientes de que é verdadeiro o motivo que allega para os devolver. . . *boa viagem*.

CAMÕES

JORNAL DE EDUCAÇÃO POPULAR

COLLABORADO PELOS PRINCIPAES JORNALISTAS E POETAS DA PENINSULA

Correspondencia a Ferreira de Brito, Imprensa Internacional, Bomjardim, 48º.

Acceitam-se desde já assignaturas e escriptos. Publicar-se-ha ás segundas-feiras.

N. B. — Esta publicação nada tem que vêr com outra anonyma do mesmo titulo, que'ahi se publicou com um retrato rôto e aleijado do grande épico.

PARNASO DE CAMÕES

As poesias lyricas onde o grande épico e principe dos poetas contava as suas desventuras e as suas perdições, e que tinha reunido sob titulo de PARNASO, foram-lhe roubadas pouco depois de chegar a Lisboa. E devido a um dos espiritos mais illustrados e trabalhadores que conseguí enriquecer a edição com os inéditos que andavam dispersos e que pertenciam ao livro que Camões tanto amava.

Como esta edição patriótica tem por fim prestar preito ao vulto que mais representa a nossa nacionalidade e que emoldurou em versos d'ouro o nome portuguez, apenas mandei imprimir 45 exemplares da edição de bibliographos, para meus amigos e amigos das obras do poeta.

FERREIRA DE BRITO.

Está aberta assignatura para os 10 exemplares que restam — preço de cada vol. 3\$500 reis — Obra completa 9\$000 reis.

Enviar o seu importe ao editor, Bomjardim, 48º, Imprensa Internacional.

A MOCIDADE A CAMÕES

OS LUSIADAS EDIÇÃO DE LUXO DE EMILIO BIEL

COM UM ESTUDO SOBRE AS OBRAS DO POETA por José da Silva Mendes Leal

Illustrada com esplendidas gravuras em aço, das quaes apresenta O PORTUGAL A CAMÕES um specimen em sup-
plemento representando *Venus applicando os ventos*.

PREÇO POR CADERNETA (36) 750 réis

ESCRITORIO — RUA DO ALMADA — CASA FRITZ

A VENUS NEGRA

ROMANCE DE AVENTURAS AFRICANAS

Este grande romance, que está em publicação por fascículos quinzenaes, deve formar tres lindos volumes, de que estão publicados os dois primeiros e o terceiro acha-se proximo da conclusão.

É um romance em que Adolpho Belot pinta scenas africanas do maior interesse, alliando as descripções da natureza com incidentes de pura phantasia por um modo encantador.

Preço da assignatura por trimestre, ou 6 fascículos, 600 réis; provincias, 630 réis; Brazil, por semestre, 6:000 réis, moeda forte.

PORTUGAL ANTES E DEPOIS DE CAMÕES

TRABALHO COMMEMORATIVO DO TRICENTENARIO DE CAMÕES

POR

MANUEL FERREIRA RIBEIRO

SUMARIO DOS ASSUMPTOS PRINCIPAES

- | | |
|--|---|
| <p>I—Alargamento geographico de Portugal até ao tempo de Camões, na Europa, Africa, America e Oceania.</p> <p>II—Expedições do grande poeta na Asia e na Oceania; expedicionarios antigos e modernos; confrontos.</p> <p>III—O imperio do Oriente no seculo xvi e o imperio africano no seculo xix; bibliographia colonial.</p> <p>IV—O tri-centenario de Camões, festejos publicos e particulares, commemorações mais notaveis, trabalhos mais uteis para o paiz; bibliographia do tri-centenario de Camões, critica comparada.</p> | <p>V—Comprehensão do nosso actual momento historico; acontecimentos publicos de maior alcance; responsabilidades politicas e scientificas; verdades praticas.</p> <p>VI—A nacionalidade portugueza no convivio das nações do mundo civilisado; manifestações da nossa actividade intellectual; os portuguezes, formando uma nação colonisadora de 1.^a ordem.</p> <p>VII—A mocidade portugueza nos primeiros annos do ultimo quartel do seculo xix; lições historico-geographicas; o tricentenario de Camões como uma das épocas brilhantes da nossa historia moderna; Portugal ao começar o seculo xx.</p> |
|--|---|

PORTUGAL A CAMÕES

ESPLENDIDA PUBLICAÇÃO COMMEMORANDO O TRICENTENARIO DO GRANDE EPICO

Collaborada pelos principaes escriptores da península e illustrada com magnificas gravuras. — Á venda no escriptorio do JORNAL DE VIAGENS, Largo de S. Domingos, 58.

Imprensa Internacional de Ferreira de Brito & A. Monteiro, Bomjardim 489.

